

# O HOMEM QUE ACHAVA

Copyright

Conto de

José Manuel da Silva



## O HOMEM QUE ACHAVA

– Pela última vez, ou você tem certeza ou vai embora. Aqui não se acha nada. Ou é pau ou é pedra.

Pausa.

– E então...

Pausa.

– Olha, o senhor me desculpe, mas eu não posso ter certeza disso. Eu não vi. Eu acho que ela falou que ia ao médico, mas eu não sei, não ouvi diretamente dela. O senhor entende?

– Não entendo porra nenhuma. Olha, é a tua última chance. Da próxima é rua. Deu pra entender?

– É, eu acho que sim...

– O quê?! Escuta, cara, cê tá me fazendo de palhaço? Entendeu ou não?

– Acho que sim, vamos ver...

– Rua!! Dona Marlene, venha até aqui.

Pausa.

– Dona Marlene, providencie as contas do Sr. Puzzi, aqui. E libere do aviso prévio. Ele que vá achar alguma coisa em outro lugar. Aqui esgotou o saco. Eu *achd!*

– Sim, senhor.

Era a culminância de meses de brigas e desentendimentos. Todos no escritório já tinham tido algum tipo de entrevista com o Puzzi. O homem só achava. Nunca dizia nada de positivo. Era eu acho pra cá, eu acho pra lá... A secretária tinha pena dele; achava que era um homem carente, desprezado pelas mulheres. Por isso era fraco, inseguro. Até os boys caçoavam dele:

– E aí, Puzzi? A cliente tava olhando pra você. Cê *acha* que ela tava a fim?

– E se tivesse? Eu *acho* que ele é brocha.

E a gargalhada geral. O Puzzi não se incomodava, por alguma estranha razão que ninguém entendia. Um dia, para comemorar o aniversário do Américo e, por insistência de Dona Marlene, chamaram o Puzzi. Ele aceitou, para o espanto e desespero de todos. No bar, a surpresa: ele até era falador, contava piadas sem graça e poder-se-ia dizer que tentava agradar. Mas era um zero à esquerda, isso era pacífico. Neste mesmo dia do aniversário, na hora de pagar a conta ele disse:

– Acho que não tenho dinheiro; deixa eu ver.

O Américo cochichou para o diretor:

– Quem é que trouxe esse cara, hein?

– A caridosa, Dona Marlene, é claro – respondeu o diretor.

– É? Tá dando pra ele também?

Sorrisos cúmplices.

– Não, *acho* que não. Ela *acha* que ele é viado...

E o maldito do homem sempre achava. Uma ocasião, um cliente preferencial entrou querendo falar com o diretor a respeito da compra de um equipamento. Já estava tudo acertado. Coisa de milhares de dólares, algo assim. O Puzzi atendeu o cliente, que perguntou:

– O diretor está?

– Acho que sim.

– Pode ver pra mim? Diga que é o Silva; é sobre o equipamento de solda. Ele já sabe.

Puzzi interfonou o diretor, que, ao reconhecer sua voz, esbravejou:

– Agora não posso!

Como não havia mais ninguém no escritório, por ser hora do almoço, Puzzi comunicou ao cliente:

– Acho que ele tá ocupado.

– Meu amigo, eu preciso resolver isso agora. Insiste.

– Acho que não vai dar. Acho que ele tá ocupado.

O cliente saiu resmungando algo incompreensível. Quando o diretor soube do ocorrido, já perdera o negócio. Queria despedir o Puzzi, que, aliás, não se manifestou a respeito. Aguardou estoicamente a decisão gerencial, que foi totalmente influenciada por Dona Marlene:

- Tinho, foi você que não quis falar com ele.
- Mas ele não disse que era o Silva. Um lance de quatro mil dólares. Num mês falido, porra!
- Ele não tem obrigação de saber. Ele chamou, você não atendeu. Ponto. Não é justo. Vai, Tinho, dá uma chance.
- Olha, só por tua causa. Mas da próxima, eu *acho* que nem você salva ele.

Até que um dia acabou demitido, como já sabemos.

Dona Marlene teve pena, como sempre. Américo deu graças a Deus. Os boys brincaram um pouco, mas no fundo sentiram a falta. Só o diretor demorou a se livrar da culpa. Afinal o Puzzi poderia ser meio doente mental e ele não lhe dera uma chance a mais. Pobre coitado. E não era mau empregado. Mas não houve alternativa. E ainda por cima ironizou em cima dele. Pensou: “Esquece. Não tinha jeito. É um caso perdido.”

Um dia souberam que o Puzzi estava no hospital, atropelado que fora na véspera de Natal. Muito mal: perfuração de vísceras, poucas chances de vida. Dona Marlene já o tinha ido ver e lamentara:

– Sei não, acho que dessa não escapa.

E um dos boys, que fora com ela:

– É, acho difícil.

Dois dias depois, o diretor chamou Dona Marlene a sua sala:

– Lene, queria te pedir um conselho. O que é que você acha de eu ir ver o Puzzi?

– Acho ótimo! No fundo ele vai ficar contente.

– Será? Eu acho que ele deve me odiar...

– Que nada! Essa gente não odeia ninguém...

– É, tá bom. Acho que vou amanhã, depois do almoço. Quer ir comigo? A gente almoça junto e vai direto. –

E sorrindo malicioso –, Acho que a gente nem precisa voltar pra cá, né?...

Puzzi estava mal. O diretor passou maus pedaços para aguentar até o fim da visita. Detestava hospitais; e ver aquele sujeito deitado ali, todo imobilizado, sem perspectivas... E tinha-lhe negado o emprego. Que sentimento de culpa! Pobre Puzzi. No fundo, talvez não fosse má pessoa. O médico de plantão já os desenganara na entrada. Era questão de dias, semanas na melhor das hipóteses. Um caso perdido. Uma pena.

Na despedida, Dona Marlene deu-lhe um beijo no rosto e o diretor disse que voltaria para vê-lo na próxima semana. Se precisasse de alguma coisa, era só chamar. Ainda tinha o número?

– Acho que não.

Dona Marlene e o diretor se entreolharam. Disse então o diretor:

– Bom, então a gente deixa o cartão com a enfermeira. E a gente volta outra vez semana que vem, tá?

– Não precisa não. Acho que vou morrer amanhã à noite.

Só Dona Marlene foi ao enterro. O diretor tinha uma reunião importante numa multinacional, “e além disso”, falou para Dona Marlene, “acho que não me sentiria muito bem”.

*Rio, 1992.*